

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1

## JOSEPH RATZINGER E LEONARDO BOFF: ALGUNS PONTOS DE APROXIMAÇÃO E DISTANCIAMENTO

Danillo Rangell Pinheiro Pereira.

Doutorando em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [danillorangell@yahoo.com.br](mailto:danillorangell@yahoo.com.br). Orientador. Professor Doutor Iraneidson Santos Costa.

Este artigo é fragmento de uma pesquisa acerca das interpretações sobre o Concílio Vaticano II presentes em escritos publicados pelos teólogos Joseph Ratzinger, hoje Papa Emérito Bento XVI, e Leonardo Boff, teólogo e filósofo expoente da Teologia da Libertação<sup>1</sup>. Pretende-se, neste trabalho, discutir alguns pontos de aproximação e distanciamento entre os dois pensadores cristãos. Nas fontes estudadas há, entre os autores, espaços para o diálogo e o pluralismo, no interior da religião cristã e fora dela. A Igreja Católica é reconhecida como povo de Deus e corpo místico de Cristo. Todavia, o que os separa é a perspectiva que ambos possuem em relação à origem da autoridade e organização da instituição. Ratzinger, afinado com a ortodoxia, defende princípios inegociáveis, entre eles, o poder delegado por Jesus aos apóstolos, posteriormente associados à hierarquia, sob controle do Papa e seus assessores mais próximos. Ainda que seja uma hierarquia, a Igreja Católica, para o teólogo alemão, não deve ser uma mera cúmplice do poder temporal e desvinculada do serviço ao mundo; aliás, em certos aspectos, é dever de seus membros a subversão ao poder terreno em razão da fidelidade à sua missão. (Cf. RATZINGER, 2019, pp. 481-487)<sup>2</sup>.

Já Boff, sem desconsiderar os temas anteriores, reivindica também a concepção do Jesus histórico, e a tradição comunitária e colegial das primeiras comunidades cristãs. Não deixa de reconhecer a importância da organização hierárquica, mas reivindica um distanciamento maior de valores culturais adquiridos com a tradição

---

<sup>1</sup> No Simpósio Nacional de História de 2019 (Anpuh realizada na Universidade Federal de Pernambuco em Recife) apresentei um artigo inicial com o título: Considerações preliminares das interpretações do Concílio Vaticano II nos Escritos de Joseph Ratzinger e Leonardo Boff.

<sup>2</sup> Para este estudo, utilizei versões de traduções recentes para o português. Ver ano de primeiras edições na parte das fontes no final do presente artigo.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

romana, germânica, medieval, e do padroado moderno em relação ao apego ao poder. Em nome desta tradição apostólica, reivindica como dever moral da Igreja – baseada em sua fidelidade aos evangelhos – o serviço aos pobres e dignificação da humanidade. Uma das temáticas centrais de sua Teologia da Libertação é a contextualização destas problemáticas na América Latina, principalmente no Brasil. (BOFF, 1972; 1977; 1980; 1982; 1998).

Os principais referenciais analíticos utilizados nessa reflexão são os conceitos de representação e apropriação retirados das formulações do historiador Roger Chartier (1991), trajetória e campo social do sociólogo Pierre Bourdieu. (1996; 2005). Os dois teólogos católicos em questão pensaram a história e missão da Igreja Católica em posições contextuais distintas, isso torna a análise comparativa de suas ideias e práticas religiosas bastante complexa. Max Weber (Cf. 2015; 310-314), ao discutir os conceitos de sacerdote e profeta no seu livro *Economia e Sociedade*, nos demonstra essa dinâmica muitas vezes tensa entre sujeitos pertencentes a uma instituição religiosa que hora anunciam, hora denunciam determinada mensagem de fé.

Em investigações anteriores, constatamos um debate tenso marcado por distintas apropriações da história da Igreja Católica, entre Joseph Ratzinger e Leonardo Boff<sup>3</sup>. A razão foi o livro do brasileiro, *Igreja: Carisma e Poder* (1981). Inicialmente sofreu sanções da Comissão Arquidiocesana para Doutrina da Fé do Rio de Janeiro e posteriormente, da Sagrada Congregação para Doutrina da Fé (MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1985). Na linha de muitos teólogos da libertação, Boff optou nos seus argumentos de defesa por uma visão historicista da realidade e diálogo significativo com o marxismo. Já os membros da hierarquia envolvidos neste debate com Boff, defenderam concepções essencialistas e repulsivas ao pensamento de Marx<sup>4</sup>. As três concepções eclesiológicas decisivas no livro *Igreja:*

---

<sup>3</sup> Cf. PEREIRA. Danillo Rangell Pinheiro. **Concepções da História na Teologia da Libertação e Conflitos de representação na Igreja Católica (1971 – 1989)**, 2013. 251p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana. Pp 164-230; Cf. PEREIRA. Danillo Rangell Pinheiro. **Concepções da História na Teologia da Libertação e Conflitos de representação na Igreja Católica (1971 – 1989)**. Salvador: Sagga, 2018. 187-256.

<sup>4</sup> Nos debates acerca do livro em questão, Urbano Zilles, D. Karl Josef Romer e Joseph Ratzinger referiram-se a algumas teses de Leonardo Boff como sociológicas e não teológicas. Os artigos e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

*Carisma e Poder*, condenadas pela Comissão Arquidiocesana para Doutrina da Fé no Rio de Janeiro (1982) e posteriormente pela Sagrada Congregação para doutrina da Fé em Roma (1984), foram: 1) Sua interpretação da estrutura da Igreja católica; 2) A concepção do dogma e da revelação; 3) O exercício do poder sacro<sup>5</sup>.

As fontes que analisamos para compreender essas divergências entre Ratzinger e Boff estão reunidas no Livro *Roma Locuta, Documentos Sobre o Livro Igreja: Carisma e Poder de Leonardo Boff*. Nele estão anexadas cartas trocadas entre os teólogos, a defesa escrita do brasileiro e também os documentos emitidos pela Sagrada Congregação para Doutrina da Fé, incriminando pontos do livro em questão. Neste caso específico, que marcou o ápice da ruptura entre os dois teólogos, percebemos pontos de divergências, mas também de convergências em suas concepções da história da Igreja ou eclesiologias, fato que rededeu a Leonardo Boff o reconhecimento de consideráveis méritos de seu livro por parte de seus sensores. (MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.). 1985). Ampliando a pesquisa para a produção intelectual – principalmente livros dos dois pensadores cristãos – é possível constatar essas diferentes percepções de suas visões sobre a Igreja Católica. Entretanto, os dois intelectuais também possuem pontos de convergência, entre eles o diálogo com a então vivaz teologia do Vaticano II.

---

documentos escritos pelo autor do livro envolvido nas discussões, não evitaram restrições a algumas teses de *Igreja: Carisma e Poder*, e sua condenação por parte da hierarquia. (PEREIRA, 2018).

<sup>5</sup>Após o exame da carta enviada pelo cardeal Joseph Ratzinger a Leonardo Boff, podemos afirmar que nesses três aspectos, percebemos uma divergência entre os dois clérigos no que se referiu às concepções da história. A perspectiva de Leonardo Boff, embora reconheça conteúdos de mistério na revelação do Deus cristão, é historicista; ou seja, em suas formulações, o autor procurou explicar a história da Igreja como uma construção humana e limitada às circunstâncias de um determinado momento sócio-histórico (PEREIRA, 2018). Boff propôs a Ratzinger uma reavaliação da concepção do teólogo Yves Congar sobre a Igreja Católica, argumentando que a mesma não veio pronta das mãos de Cristo. (Cf. MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.), 1985, pp. 85-86). Já o teólogo Ratzinger, embora reconheça as variações culturais e distintas perspectivas históricas, apoiou-se no essencialismo, ou seja, numa concepção da revelação de Deus menos dependente das circunstâncias históricas, baseada na confiança do mistério da autoridade divina, delegada a seus legítimos intérpretes – as autoridades eclesiásticas. Questionou o método teológico de Boff como protestante e carregado de certos princípios mais frequentes na Sociologia. Desta forma, suas críticas ao livro do teólogo brasileiro foram intensas e o consenso entre eles não foi alcançado no campo das ideias religiosas. (PEREIRA, 2013; 2018). Em 2015, pelo Simpósio Nacional de História realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (Anpuh de Florianópolis), apresentei um artigo sobre parte deste conflito com o título: As Restrições da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé no Vaticano ao livro *Igreja: carisma e poder de Leonardo Boff*.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

O diálogo com as então novidades causadas pelos debates do Concílio Vaticano II aproximaram Joseph Ratzinger e Leonardo Boff em finais da década de 1960 e início de 1970. Boff relata ter assistido a várias palestras do então professor Ratzinger em Munique. Naquela época ele era um teólogo muito querido e conhecido na Alemanha, tinha ideias renovadoras e lotava os auditórios. Ao apresentar o resultado de sua pesquisa de doutorado, consideravelmente extensa, entusiasmou o na época reconhecido professor alemão que o ajudou a transformá-la em livro, financiando e providenciando uma editora<sup>6</sup> (BOFF, *Ao Mestre, Sem Retoques*, 2020). Por um tempo ficaram amigos e até tocaram alguns projetos juntos, como a participação em edições da Revista de Teologia de divulgação mundial chamada Concílium. Nos intervalos das reuniões de teólogos que aconteciam anualmente, os dois costumavam conversar sobre diversos temas, entre eles, a América Latina, Santo Agostinho e São Boaventura (autores apreciados por ambos). Mais adiante, por escolhas políticas e pastorais distintas, tomaram caminhos opostos. O pensador brasileiro permaneceu mais tempo na linha editorial da Concílium. (BOFF, *A Entrevista de Boff sobre Bento XVI que a Folha Engavetou*, 2020). Já o alemão, junto com outros teólogos, entre eles Henri de Lubac, Hans Urs Von Balthasar, fundaram a revista *Communio*. (Cf, BLANCO, 2005, p. 86).

Um tema que levanta polêmicas entre a opinião pública e Igreja Católica, e enfrentado por muitos teólogos que escreveram na considerada progressista revista Concílium, foi a desigualdade de gênero. Na época o então padre Boff encarou o assunto em alguns de seus escritos. Problematizou sobre a falta de base histórica para a prática de discriminação contra as mulheres e apontou o fato das católicas serem negadas da possibilidade de participar das decisões fundamentais de sua Igreja, além de também serem vetadas do direito de exercer o sacerdócio (BOFF, 1977; 1979; 1982). Ao denunciar uma situação considerada não adequada aos novos tempos, Boff posicionou-se contra o que entendeu como incoerência histórica; e chamou a atenção de seus leitores ao esclarecer que essa prática foi, na atualidade (o autor se referiu ao início da década de 1980 do século XX), reafirmada e pautada num discurso de autoridade da

---

<sup>6</sup> A tese só foi publicada em alemão com o título: *Die Kirche als Sakrament im Horizont der Welterfahrung*. Paderborn: Bonifacius – Druckerei, 1972.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5

hierarquia que desconsiderou o peso da argumentação exegética e dogmática, formuladas, segundo o pensador brasileiro, pelos melhores teólogos daquele período. Criticou mais a frente que o argumento básico utilizado pela Sagrada Congregação para Doutrina da Fé é colocado como se fosse de natureza biológica. Em sua visão, se assim o fosse, seriam contrários às atitudes de Jesus e dos apóstolos. (Cf. BOFF, 1982, p. 63).

O documento que Boff criticou foi confeccionado bem antes de Joseph Ratzinger assumir a prefeitura da Congregação para Doutrina da Fé. Na introdução pontuaram-se as demandas levantadas por muitos teólogos e fieis cobrando um maior diálogo com as ciências e as orientações do Concílio Vaticano II. Os argumentos recorreram à tradição apostólica, afirmando reconhecer a condição de dignidade das mulheres como similar a do homem, inclusive citando passagens bíblicas em que elas são reconhecidas por Jesus e pelos apóstolos. Contudo, argumenta-se posteriormente que não foi vontade de Jesus o ministério feminino (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1976). Como um pesquisador inovador na sua tese de livre docência e de certa maneira em suas atuações nas assembleias conciliares, alguns teólogos, a exemplo de Boff, esperavam de Ratzinger uma rediscussão sobre o assunto, naquele início dos anos 80, quando o teólogo alemão assumiu a prefeitura daquela instância.

Embora não tenha negado em seus textos o conteúdo do mistério da revelação divina, percebemos nos argumentos de Boff uma primazia da história para entender os elementos da fé e da doutrina. O exemplo disso percebemos nas suas argumentações contra a exclusividade dos homens no exercício do sacerdócio. (BOFF, 1977; 1979; 1982). Na intenção de desmontar as posições dos defensores desse dogma católico, Leonardo Boff citou um dos documentos do Concílio Vaticano II e escreveu: “a *Gaudium et spes* é taxativa quando recrimina qualquer discriminação como contrária ao plano de Deus [...]” (BOFF, 1982, p. 64). A frase selecionada pelo escritor brasileiro nos demonstrou que tal documento do concílio já mostrava, na década de 1960, uma Igreja Católica disposta a dialogar com o mundo, com as Ciências Humanas, e a partir de uma leitura mais atenta aos evangelhos; readaptar sua mensagem aos então novos contextos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6

Mas como é compreendido o diálogo da Igreja Católica com os chamados novos tempos nos escritos de Joseph Ratzinger? Este teólogo, juntamente com o então Cardeal Karol Józef Wojtyła (que se tornaria o Papa João Paulo II), seria um dos críticos da visão, segundo ambos, demasiadamente otimista, presentes nas versões iniciais do que seria o texto da Pastoral *Gaudium et spes*. Os argumentos foram que, se há no mundo uma realidade de graça, são frequentes também, ambientes de pecado, inclusive no interior da própria instituição. Em seu livro *Introdução ao Cristianismo*, pode-se ler:

[..]. O próprio Concílio Vaticano II teve a coragem de já não falar apenas da Igreja santa, mas também da Igreja pecadora; se há uma crítica a fazer ao concílio, só pode ser a de ter sido até muito tímido em sua afirmação, tendo em vista a intensidade da impressão de pecaminosidade da Igreja na consciência de todos nós. (RATZINGER, 2015, p. 250).

Joseph Ratzinger argumentou que essa impressão pode estar condicionada, em parte, à teologia luterana do pecado e, com isso, também por uma pressuposição originária de posicionamentos dogmáticos antecipados. Reforçou o argumento concluindo que, o que torna essa concepção convincente é sua congruência com nossa experiência histórica, pois os séculos de história da Igreja estão cheios de todos os tipos de falhas humanas. Citou um clássico estudo do teólogo Hans Urs von Balthasar, que discutiu a temática dos hábitos meretrícios da Igreja Romana (Cf. RATZINGER, 2015, p. 250). Entretanto, Ratzinger esclareceu mais adiante:

[...] a santidade da Igreja consiste naquele poder de santificação que Deus exerce nela apesar da pecaminosidade humana. É esse verdadeiro sinal da “nova aliança”: em Cristo, o próprio Deus prendeu-se aos homens, ele deixou-se prender por eles. A Nova Aliança já não se baseia no cumprimento mútuo do acordo, porque é graça concedida por Deus, e não recua diante da infidelidade do ser humano. Ela é expressão do amor de Deus que não se deixa vencer pela incapacidade do ser humano, pelo contrário, ele lhe quer bem apesar de tudo e sem cessar; ele o aceita como ser pecaminoso, dirigindo-se a ele para santificá-lo e amá-lo. (RATZINGER, 2015, p 251).

Os laços transcendentais que unem Deus ao homem de acordo com a teologia de Ratzinger, não deixaram de causar entre a Igreja católica e a realidade mundana,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

marcada pela racionalidade técnica e materialista situações de tensão. Em seus debates sobre o Concílio Vaticano II, o autor intencionou esclarecer que existem valores inegociáveis para Igreja Católica e que tais verdades de fé precisam ser conhecidas e defendidas por seus membros, principalmente o clero responsável pela ortodoxia. Caso contrário a Igreja desvirtua sua missão e assume a simples função de um partido político, clube ou agremiação. (RATZINGER, 1985; 1992; 1993; 1996; 2019; 2020). Sobre o posicionamento de missão e fidelidade da Igreja escreveu o teólogo:

[...]. Por um lado, verdadeiramente e totalmente, ela se enraíza num facto do passado: na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Fundamentada no testemunho dos Apóstolos, ela anuncia isto como salvação dos homens e fonte de vida eterna. A revelação divina de que ela vive aconteceu um único aqui e agora, e por isso, a Igreja permanece ligada a um então e uma vez. Renovação para ela portanto só pode ser, e sempre, nova orientação para essa fonte única determinante e não pode ser arbitrariamente manipulada: não está nas mãos da Igreja ser “moderna” conforme os desejos de cada um; não pode ajustar Cristo e o Cristianismo ao tempo e suas modas, mas deve, isso sim levar os tempos a se ajustarem-se à medida de Cristo. [...]. (RATZINGER, 1965, pp. 47-48).

Essa concepção de Igreja permite espaço para o elemento renovador da chamada tradição profética? Uma pesquisa, na época inovadora, sobre o conceito de revelação e teologia histórica em São Boaventura (1217-1274), considerado um grande místico e principal teólogo da ordem Franciscana, colocou Ratzinger na condição de questionador dessas verdades de fé? A recusa de sua tese de habilitação para livre docência e necessidade de reconstrução do trabalho numa outra perspectiva o teria tornado mais afinado à tradição dogmática? Georg Ratzinger, no seu livro entrevista, contextualiza bem esse fato, pontuando a atitude inovadora e persistente do irmão professor, contra a arbitrariedade de um de seus examinadores. (Cf. HASEMANN; RATZINGER, 2012, p. 174)

Joseph Ratzinger reuniu o material e realizou a pesquisa em 1954. No ano seguinte estava com o manuscrito pronto. Contudo, precisava de alguém para datilografá-lo. Os deslizes de sua secretária custaram a paciência do teólogo e comprometeram parte relevante do trabalho. Somado a isso vieram discussões que

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

desagradaram bastante um de seus examinadores, o professor Schmaus. Sobre esses problemas nos relatou Geog Ratzinger:

[...] Os Estudos medievais em Munique, representados quase inteiramente por ele, haviam parado no pré-guerra. Descobertas mais recentes, por exemplo, provenientes de países de língua francesa eram ignoradas. O fato de um iniciante como Ratzinger criticar determinadas posições com uma vivacidade certamente ousada, deve ter levado Schmaus a reagir contrariamente. Ele teria ficado ainda mais ofendido por Joseph ter trabalhado um tema medieval sem se consultar com ele. Assim, a pobre apresentação gráfica do manuscrito e os vários erros de citação que restaram no texto, apesar de todos os seus esforços de correção serviram de conveniente pretexto para um julgamento devastador. Schmaus considerou Joseph Ratzinger um rebelde, que se atrevera a sublevar-se contra a doutrina predominante, e assim abriu as portas para um modernismo perigoso, uma subjetivação do conceito de Revelação. [...]. (HASEMANN; RATZINGER, 2012, p. 176).

Georg Ratzinger ainda complementou, afirmando que os rumores da Universidade de Freising, a respeito da modernidade renovadora da teologia de Joseph Ratzinger, pareciam confirmar a impressão explicitada por seu examinador. (Cf. HASEMANN; RATZINGER, 2012, p. 176). Não imaginava aquele professor mais tradicional que numa perspectiva mais ampla as fontes da Revelação seriam pauta de intensas discussões durante o Concílio Vaticano II, onde finalmente ficou acertado que para os católicos são duas: as escrituras e a tradição da Igreja. (Cf. LIBANIO, 2005, pp. 92-94).

A tese de Joseph Ratzinger acabou sendo recusada, mas não reprovada. Segundo relato do teólogo, e de alguns de seus biógrafos, as observações foram tantas que ele levaria anos para concluir as correções. Entretanto, no capítulo que discutia a teologia da história as observações não apareceram, apesar de lá também existir muito material controverso. Ratzinger lhe deu uma nova unidade e a mostrou a seu orientador, que concordou com a proposta. (Cf. RATZINGER, 2007, pp. 84-86). Em 11 de fevereiro de 1957, foi notificado que dessa vez sua dissertação havia sido aceita. Entretanto, teria que ir defendê-la numa audiência pública, seguida de um debate, no qual poderia ser reprovado. No dia 21 do mesmo mês, com auditório lotado e sob tensão, ele apresentou

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

o trabalho. Após um intenso debate entre seus examinadores, quando Ratzinger se questionou o que ali fazia, sua aprovação na habilitação de livre docência foi confirmada. (Cf. HASEMANN; RATZINGER, 2012, p. 177).

De acordo com os relatos de Georg Ratzinger, as dificuldades enfrentadas nesta etapa sensibilizaram em seu irmão uma postura que ele manteve durante sua carreira de professor. Em situações em que uma tese ou trabalho acadêmico docente estava em discussão, sempre que possível, o docente Ratzinger manteve-se ao lado dos mais fracos, examinando sem preconceitos os argumentos inovadores. (Cf. HASEMANN; RATZINGER, 2012, p. 178). Depoimento controverso para aquele que, anos mais tarde, seria prefeito da Congregação para Doutrina da Fé e autorizaria a proibição de vários especialistas de ensinar Teologia Católica. Entretanto, há afirmações de que naquela instância sempre decidia junto com sua equipe, também compostas por teólogos (Cf. TORNIELLI, 2006, p. 97; BLANCO, 2005, pp. 106-107). Depoimentos como o de Leonardo Boff em entrevista, afirmando que Ratzinger teria sido voto vencido em relação a sua condenação em 1984, confirmam em certos aspectos a sensibilidade do então principal responsável pelo zelo da ortodoxia, no exame de novas ideias.

É destacável lembrarmos que, embora não demonstrasse ressentimentos e também reconhecesse a importância de Ratzinger como teólogo, Leonardo Boff fez várias críticas às concepções, segundo ele, rígidas do Cardeal, posteriormente eleito Papa Bento XVI. Em momentos como na sua entrevista no programa Roda Viva, exibido pela TV, cultura em (1997), o brasileiro afirmou ter vivido momentos de enfrentamento com o então Cardeal, pois de acordo com seu depoimento, a Congregação a qual aquele presidia mentiu e omitiu fatos importantes do processo que envolveu seu livro. (Cf. BOFF, **Entrevista ao programa Roda Viva**, 1997).

Um aspecto que vale a pena pontuarmos sobre aquele ocorrido entre Leonardo Boff e o então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé foi a discussão sobre revelação e profetismo na Igreja Católica. Em fragmentos da carta endereçada ao brasileiro pode-se ler:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

10

Que dizer de uma tal relativização das formas dogmáticas e de uma tal compreensão “pré doutrinal” da revelação e da fé? Estas certamente deixariam o campo livre para novas encarnações e novas inculturações do cristianismo, especialmente se se aceitasse a especial pneumatologia, discutível ela também, das pp. 220ss. Mas com que garantia? Qual poderia ser o critério para discernir a legitimidade de tais encarnações e inculturações? Se uma nova forma dogmática nas novas culturas do amanhã já não é mais válida, como poderá ser válida hoje diante de tantas e tão diferentes culturas do mundo? É verdade que Deus, radicalmente, não nos revelou proposições, mas a si mesmo vivo e salvador, mas o Deus da revelação da bíblia já não seria reconhecível sem enunciados e doutrinas. A fé da Igreja, ainda que não ligada a uma determinada sistematização teológica, se exprime num conjunto orgânico de enunciados normativos. É verdade que as formulações dogmáticas respondem a problemas de um momento histórico determinado e são propostas com um vocabulário tomado da cultura da época; todavia sem comprometer-se com a cultura do tempo e devendo ser sempre interpretadas com referência à revelação, permanecem sempre verdadeiras. (Congregação Para a Doutrina da Fé. Documento do Cardeal Joseph Ratzinger incriminando o livro Igreja: Carisma e poder, 15 mai.1984. In: MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.), 1985, p. 53).

Neste fragmento percebe-se, então, que o teólogo Ratzinger defendeu a Igreja Católica como guardiã de uma espécie de “essência cristã” e criticou a teologia de Leonardo Boff e sua proposta de eclesiologia que, segundo o Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, colocou a práxis como princípio. (Cf. Congregação Para a Doutrina da Fé. Documento do Cardeal Joseph Ratzinger incriminando o livro Igreja: Carisma e poder, 15 mai.1984. In: MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.), 1985, p. 54). No texto que escreveu para o encontro com seus interrogadores em Roma, podem-se ler fragmentos escritos por Leonardo Boff sobre o profetismo na Igreja Católica:

O magistério é seguramente, um lugar teológico, mas não o único nem o mais importante. A sã teologia se constrói, como uma mesa, sobre quatro pés: a escritura, a tradição, o magistério e a razão teológica. Apesar da disparidade dos 13 artigos que compõem Igreja Carisma e poder (desde cebs, até bispos perfazem os destinatários), há nas citações que faço, uma notável predominância da Sagrada escritura, “alma da sagrada teologia” (Dei Verbun, 24). (Esclarecimento de Frei Leonardo Boff às preocupações da Congregação para a Doutrina da Fé acerca do livro Igreja: Carisma e Poder (1981): Subsídios para o Colóquio de 7 de setembro de 1984 junto às instâncias doutrinárias da Santa sé. In: MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.), 1985, p. 88).

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

Para analisarmos de forma mais contextualizada sobre a temática da tradição profética na Igreja Católica no pensamento de Leonardo Boff, é pertinente citar o ensaio do capítulo treze do livro *Igreja: Carisma e poder*, com o título Uma Estruturação Alternativa: o carisma como princípio de organização. Nele, Leonardo Boff escreveu:

Entender a Igreja como sacramento do Espírito Santo implica colocar a ressurreição, os elementos de criatividade, de sintonia com a história como prioritários, acima daqueles institucionais, na compreensão da natureza e missão da Igreja. (BOFF, 1982, p. 234).

Na intenção de esclarecer essa proposta de Igreja para seus leitores, Boff lançou mão da história para o entendimento mais profundo da comunidade religiosa. Esclareceu que igreja é uma palavra que vem do antigo grego profano *Ekklesia*-*ecclesia* e significa a reunião dos cidadãos (homens livres), convocados por um arauto com o objetivo de discutirem em praça pública as questões da comunidade. De acordo com o autor, *Ekklesia* significava também o evento e o momento da reunião que, de si, não implicava continuidade. Ampliando a definição para o sentido teológico, Leonardo Boff esclareceu que pode entendê-la como encontro da comunidade dos fiéis, encontro provocado por Cristo e pelo Espírito Santo para celebrar, aprofundar sua fé e discutir seus problemas à luz do Evangelho.

Leonardo Boff rompeu com as formalidades puramente ritualísticas, com a atmosfera de grandiosidade institucional vinda da cultura romana e afirmou que no sentido primitivo, igreja era muito mais acontecimento histórico que pode ocorrer debaixo de uma mangueira, na casa de um dos fiéis ou mesmo dentro do edifício do templo, do que a instituição com todos os seus bens e serviços, leis, doutrinas e ministérios, com continuidade histórica. (Cf. BOFF, 1982, p.235). De acordo com essa orientação, sugeriu o entendimento da Igreja Católica como povo de Deus. Para ele, a Igreja se concretiza no processo histórico. Sobre o assunto escreveu:

[..] todo povo tem sua história e sua gesta, uma consciência de seus valores e idiosincrasias, um projeto histórico ao redor do qual todos se congregam em um poder de organização. A Igreja como povo de Deus possui tudo isso, mas

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

numa perspectiva religiosa, sobrenatural e transcendente. Todos pertencem ao povo, anteriormente a qualquer distinção interna; assim num primeiro momento, todos no povo de Deus são iguais, cidadãos do reino. A missão não é confiada a alguns, mas a todos; portadores do poder sagrado são inicialmente todos e só secundariamente os ministros sacros. Todos são enviados a anunciar a boa-nova acerca do futuro bom da história e do sentido do mundo já garantido e antecipado pela ressurreição que historiciza a verdade da utopia de Jesus sobre o reino. (BOFF, 1982, p. 235).

Essa proposta inspirada numa leitura mais otimista e “democrática” do Concílio Vaticano II e das conferências de Medellín e Puebla é simpática à organização de uma Igreja das bases e tolerante às múltiplas diferenças socioculturais entre os cristãos. Contudo, se é notável que a Igreja esteja no mundo, ela faz parte dele e de seus problemas. Leonardo Boff advertiu acerca dos perigos que uma compreensão estreita da chamada Teologia do Cativo e da Libertação pode causar à comunidade cristã, escrevendo:

[..] à força de insistir sobre o caráter estrutural do pecado social e da necessidade de uma graça também social e estrutural, corre-se o risco de esquecer a conversão pessoal e a busca da perfeição da vida cristã. Há também o temor de que o político desborde de seus limites e acabe ocupando o horizonte da fé. A fé possui, inegavelmente, uma dimensão política, e hoje ela urgente, e exigência do Espírito à sua Igreja, mas ela não absorve toda riqueza da fé, que deve também encontrar outras expressões dentro do processo de libertação integral, como a mística litúrgica e pessoal. (BOFF, 1982, pp. 40-41).

Essa advertência torna perceptível uma teologia influenciada por uma concepção historicista da realidade, mas que não se esgota nela. Boff, além de reconhecer a complexidade desta realidade histórica compreendida em suas múltiplas dimensões, também não deixou de valorizar a importância do elemento transcendente que a aperfeiçoa e complementa.

É pertinente então afirmar que na teologia apresentada nos escritos de Leonardo Boff, é defendida a prática concreta de quatro pilares fundamentais do cristianismo: 1) o amor – simultaneamente a ele – 2) a justiça, 3) a humildade e 4) a misericórdia. A busca do equilíbrio entre essas quatro máximas, nem sempre alcançado por indivíduos e

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

instituições, poderá ser melhor iluminada por uma força transcendente, chamada Deus, no cristianismo concretamente experimentada na existência de Jesus.

Ratzinger costuma ser conhecido, principalmente pelos grandes veículos midiáticos, como um dos mais combativos críticos da Teologia da Libertação – ao menos em alguns de seus aspectos mais polêmicos –, na concepção do documento *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação* (1984). Entre eles podemos destacar: 1) a imanetização da história e da teologia, 2) utilização do marxismo e 3) politização da fé (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1984). A partir desta perspectiva, seus escritos negariam os pilares fundamentais do Cristianismo em favor de uma concepção hierárquica da Igreja? O exame de seus textos, assim como os relatos de alguns de seus biógrafos e estudiosos de suas ideias, nos demonstram o contrário disso.

Leonardo Boff, em entrevistas, comentou o desprendimento e solidariedade do então professor Ratzinger, que reservava considerável soma de seu salário para ajudar estudantes com poucos recursos. É pertinente também lembrar que em março de 1986 foi publicado o documento *Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação*. (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1986). Seu conteúdo procurou, em parte, corrigir a dura condenação expressa pela Instrução de 1984, sobretudo pelas pressões de teólogos da Libertação e parte do Episcopado que os apoiava, concordando que os teólogos da Congregação para Doutrina da Fé não compreenderam os frutos positivos daquela jovem teologia. Boff relatou em entrevista que, a pedido do Cardeal Ratzinger, redigiu um esquema junto com seu Irmão Clodovis Boff. O conteúdo foi entregue à Congregação para Doutrina da Fé, para auxiliar os responsáveis pela ortodoxia católica na elaboração do documento de 1986. (BOFF, A Entrevista de Boff sobre Bento XVI que a Folha Engavetou, 2020).

Num contexto distante dos problemas da América Latina, uma das preocupações básicas da teologia de Joseph Ratzinger foi demonstrar a razoabilidade da fé cristã, aparentemente absurda, numa realidade marcada pelo materialismo tecnicista e adverso ao mistério apresentado pela Igreja Católica. (RATZINGER, 1965; 1984, 1985; 1996;

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

2006; 2008; 2015; 2019; 2020). No curso que deu origem ao livro *Introdução ao Cristianismo*, preocupou-se com as consequências do ateísmo no mundo presente. Intencionou buscar demonstrar também o elemento de razoabilidade no credo cristão, argumentando que a dúvida também faz parte da existência do crente, muitas vezes acometido pelas tribulações, que uma fé sem autocrítica não é capaz de lhe oferecer respostas. Nestas condições, o ser humano como um ser aberto pode escolher entre a atitude de confiar no transcendente – escolha considerada por muitos como ultrapassada – ou as exigências do mundo marcado pelo excessivo materialismo, o que pode levá-los ao esvaziamento e desespero. (Cf. RATZINGER, 2015, pp. 40-56).

O teólogo alemão dedicou-se ao debate sobre a razoabilidade da fé, assim como o conflito da visão materialista e pragmática do racionalismo cientificista e a religião cristã em várias de suas obras. Entre elas podemos citar um artigo publicado na Revista *Communio* com o título: *Transmissão da fé e Fontes da fé* (1984). Nesta discussão, a importância da catequese tradicional é defendida por Ratzinger como condição importante para preservação da fé da Igreja Católica, evitando as excessivas subjetivações, bastante frequentes no contexto presente. Sobre este aspecto do conflito entre as visões histórico-hermenêutica e dogmática no debate teológico, escreveu:

Quando se considera a Bíblia somente como uma fonte no sentido do método histórico (coisa que também é, certamente), o historiador passa a ser o único competente para interpretá-la; mas neste caso, nem a Bíblia pode proporcionar-nos algo mais além de informações históricas, e o historiador deve tentar fazer todo possível para mostrar que um Deus que age na história não passa de uma hipótese inútil. (RATZINGER, 1984, p. 192).

Influenciado pelo então novo movimento teológico que, de certa maneira, produziu frutos no Concílio Vaticano II, Ratzinger reconheceu a importância da busca de um possível equilíbrio entre uma interpretação das fontes da revelação e as visões dogmática e histórico-hermenêutica, apontando o conflito e sugerindo a mediação do sujeito Igreja Católica como o ponto de equilíbrio. Em suas palavras:

Se, ao contrário, a Bíblia é a condensação de um processo de revelação muito maior e inesgotável; se seu conteúdo só é perceptível ao leitor quando este já se abriu a esta dimensão mais alta, então o significado da Bíblia não fica

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

diminuído; o que então muda diametralmente, são as competições para interpreta-la. Porque isso significa que a Bíblia pertence a uma rede de referências, através das quais o Deus Vivo se comunica em Cristo pelo Espírito. Isto equivaleria a dizer que a Bíblia é expressão e instrumento daquela comunhão em que o “eu” divino e o “tu” humano se tocam no “nos” da Igreja fundada por Cristo. [...]. (RATZINGER, 1984, p. 192).

Como clérigo, Ratzinger defendeu a importância do dogma como fonte importante, mas não única de revelação. Reconheceu a complexidade e imprevisibilidade da dinâmica da revelação cristã, nunca totalmente compreendida pelo homem. Deste modo distanciou-se da visão triunfalista de Igreja em detrimento da busca do diálogo. Entretanto, o diálogo católico é diferente do método filosófico e científico, em que a dúvida muitas vezes guia o conhecimento. Nelas a razão e experiência são fundamentos essenciais para compreensão da realidade. Como teólogo, Ratzinger reconheceu a importância destes elementos. Contudo, o fundamento de sua proposta é a confiança em Cristo e sua proposta sempre será melhor compreendida pela Igreja Católica. Tal instituição na sua compreensão possui uma verdade, porém, sua missão é expô-la, não impô-la aos homens e mulheres de todos os tempos.

Embora seja necessário advertir que toda formulação teológica, entre elas a dos dois teólogos Joseph Ratzinger e Leonardo Boff, estejam suscetíveis a apropriações, inclusive as contidas no presente trabalho, é possível afirmarmos que ambos se propuseram, à luz do Concílio Vaticano II, a promover um encontro dialogante entre a religião cristã e os homens e mulheres da atualidade. O teólogo alemão, mais identificado com o contexto europeu marcado pelo ateísmo, excessivo materialismo e desconhecimento do credo cristão e missão da Igreja por parcela expressiva da população. Já o brasileiro, sem desconsiderar as questões levantadas por Ratzinger, se ateu às especificidades da América Latina, sua realidade de miséria e desigualdades, o papel dos cristãos e da Igreja Católica diante daqueles desafios persistentes até a atualidade.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

ASSUNÇÃO, Rudy Albino de; Gilcemar, HOHEMBERGER. (org.). **O Primado do Amor e da Verdade. O Patrimônio Espiritual de Joseph Ratzinger – Bento XVI.** São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

BLANCO, Pablo. **Joseph Ratzinger uma Biografia.** Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2005.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972. [1 edição 1972].

\_\_\_\_\_. **Eclesiogênese: As comunidades eclesias de base reinventam a Igreja. Cadernos de Teologia e Pastoral**, n.6. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Teologia do cativo e da libertação.** Petrópolis: Vozes, 1980. [1 ed. Publicada pela editora Lisboa Multinova 1976].

\_\_\_\_\_. **Igreja: Carisma e Poder.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982. [1 edição 1981].

\_\_\_\_\_. **O Caminhar da igreja com os Oprimidos: Do Vale de lágrimas rumo a terra prometida.** 2 ed. Petrópolis: vozes, 1998. [ 1 edição 1980].

\_\_\_\_\_. **O Rosto Materno de Deus: Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas.** 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. [1 edição 1979].

\_\_\_\_\_. **Entrevista ao programa Roda Viva.** 06/01/1997. Disponível em: [http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/94/entrevistados/leonardo\\_boff\\_1997.hm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/94/entrevistados/leonardo_boff_1997.hm). Acesso em: julho de 2013.

\_\_\_\_\_. **Dois-papas-dois-modelos-de-homem-dois-modelos-de-igreja.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595351-dois-papas-dois-modelos-de-homem-dois-modelos-de-igreja-artigo-de-leonardo-boff>. Acesso 18 de julho de 2020.

\_\_\_\_\_. **Ao mestre, sem retoques. Entrevista com Leonardo Boff.** Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508081-aomestresemretoquesentrevistacomleonardoboff>. Acesso 08 de setembro de 2020.

\_\_\_\_\_. **A Entrevista de Boff sobre Bento XVI que a Folha Engavetou.** <https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-entrevista-de-boff-sobre-bento-xvi-que-a-folha-engavetou/>. Acesso 06 de Outubro de 2020.

\_\_\_\_\_. **BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas sobre a teoria da ação.** Tradução Marilza Corrêa. 9 ed. São Paulo: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Economia das trocas simbólicas.** Tradução Sergio Miceli [et. Al]. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

CHARTIER, Roger. **A História cultural: Entre práticas e representações.** Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa, Portugal: Difel, 1990.

DOCUMENTOS PONTIÍFICOS CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Instruções sobre a Liberdade cristã e a Libertação Carta do Papa à CNBB sobre a Missão da Igreja e a Teologia da Libertação.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão.** São Paulo: Loyola, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS (Org.). **Roma Locuta, Documentos Sobre o Livro Igreja: Carisma e Poder de Leonardo Boff.** Rio Branco, Belém, Recife, Viçosa, Nova Iguaçu, São Paulo, Porto Alegre, Goiânia: Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, Danillo Rangell Pinheiro. **Concepções da História na Teologia da Libertação e Conflitos de representação na Igreja Católica (1971 – 1989).** Salvador: Sagga, 2018.

RATZINGER, Geog; HESEMANN, Michael. **Meu irmão, o Papa: da infância ao pontificado: um tocante relato sobre a vida de Bento XVI.** Tradução Paola Schimid e Fernanda Romero. São Paulo: Europa, 2012.

RATZINGER, Joseph. As Implicações pastorais da doutrina sobre a Colegialidade dos Bispos. **Concilium** n. 1 Dogma. pp. 27-49, jan. 1965

\_\_\_\_\_. Transmissão da Fé e Fontes da Fé. **Communio.** n. 15. pp. 177-201. Meses (?). 1984.

\_\_\_\_\_. **O Sal da Terra, O Cristianismo e a Igreja Católica no liminar do Terceiro Milênio: Um diálogo com Peter Seewald.** Tradução Inês Madeira de Andrade. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [1 ed. 1996].

\_\_\_\_\_. **Compreender a Igreja hoje: vocação para comunhão.** Tradução D. Matheus Ramalho Rocha. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. [1 ed. 1992].

\_\_\_\_\_. **Lembranças de Minha Vida.** 2ed. São Paulo: Paulinas, 2007. [1 ed. 2006].

\_\_\_\_\_. **Natureza e Missão da Teologia.** Tradução Carlos Almeida Pereira. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012. [1 ed. em português 2008, ano de publicação 1993].

\_\_\_\_\_. **Dogma e Anúncio.** Tradução Pe. Antônio Steffen SJ. São Paulo: Loyola, 2008. [ 1 versão publicada como Dogma e anúncio. Loyola, São Paulo 1977].

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

18

\_\_\_\_\_. **Introdução ao Cristianismo.** Preleções sobre o símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2015. [1 edição 1968].

\_\_\_\_\_. **O Novo Povo de Deus.** 2 ed. São Paulo: Molokai, 2019. [1 edição 1969].

\_\_\_\_\_. **Deus e o Mundo. Fé e Vida em Nosso Tempo:** Uma Conversa com Peter Seewald. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Molokai, 2020. [1 edição 2000].

RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. **A fé em crise? O Cardeal Ratzinger se Interroga.** São Paulo: UPU, 1985.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA DOCTRINA DA FÉ. **Declaração Inter Insigniores sobre a Questão da Admissão de Mulheres ao Sacerdócio Ministerial**  
Disponível em:  
[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_19761015\\_inter-insigniores\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19761015_inter-insigniores_po.html). Acesso dia 25 de setembro de 2020. [Ano e mês de publicação. 15 de out de 1976].

\_\_\_\_\_. **Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”.** São Paulo: Paulinas: 1984.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Volume 1. 4ed. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2015. Pp 310-314.

TORNIELLI, Adrea. **Bento XVI O Guardião da Fé.** Tradução Maria Judith Sucupira da Costa Lins. Rio de Janeiro: Record, 2006.